

Resenha do livro:

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Editora EDUSF: Bragança Paulista/SP, 2002. 350p.

Resenha por: Merilin Baldan

Graduanda em Pedagogia, bolsista iniciação científica PIBIC/CNPq - UFSCar

A obra *Pro Patria Laboremus* aborda, a partir da historiografia individual de Menezes Vieira o conjunto das condições e práticas sociais de um projeto republicano de educação brasileira. O conjunto da obra e atuação do médico-educador nos permite compreender o pioneirismo em vários aspectos da educação nacional introduzido por Menezes Vieira e o ideário político pedagógico do período. A apresentação de Carlota Boto aguça a leitura dos sete capítulos magistralmente escritos por Maria Helena, que conta, ainda, com a organização dos anexos utilizados ao término de cada capítulo, enriquecendo a leitura.

A *Introdução* discorre sobre a vida de Menezes Vieira com a contribuição da historiografia ao gênero literário biográfico, utilizando excertos de autores que caracterizam a nova tendência da historiografia que permitem reconstituir os laços entre o indivíduo e a sociedade, tal como a autora analisa Menezes Vieira, isto é, personagem singular de uma história intelectual, social e política não desligado do seu tempo. Tal como Franco Ferrarotti (1998, p. 26-27), citado pela autora na página 34, expõe que “*se todo indivíduo é a apropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, então podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual*”.

O primeiro capítulo dedica-se a biografia de *Menezes Vieira: uma vida dedicada à educação brasileira (1848-1897)*, com formação em humanidades no Maranhão e Medicina no Rio de Janeiro, onde se especializou em “doenças do ouvido”, participação como sócio-fundador de instituições beneficentes, ligando aos intelectuais em prol da educação popular e com membros do poder. Menezes Vieira é reconhecido nacionalmente, pela sua atuação no Instituto de Surdos Mudos onde foi professor (1872-1888), no Colégio Menezes Vieira (1875-1887) e no Pedagogium (1890-1897), quando convidado por Benjamin Constant a dirigi-lo.

A autora mostra a passagem de professor de linguagem articulada no Instituto de Surdos-Mudos/1872 à fundação, junto com a esposa – Carlota de Menezes Vieira – do Colégio Menezes Vieira/1875, cujo lema e mote de vida se inscrevia na marca *Pro Patria Laboremus (à pátria e pela pátria)*, onde introduziu o primeiro Jardim de Infância do Brasil, destinado as classes mais altas da sociedade. Recebeu muitos prêmios decorrentes da participação em eventos nacionais e internacionais e, embora convive-se com personalidades políticas, nunca se sentiu atraído pelos cargos, o que não o impedia de posicionar-se diante de fatos polêmicos sob o pseudônimo de *Mênênio Vitruvio*. O colégio possuía um sistema de internato, semi-internato e externato, destinado ao ensino de meninos até os 12 anos, composto pelo ensino maternal, primário, secundário (preparatório), introduzindo o ensino profissional e certas inovações pedagógicas, tais como a ginástica e o museu escolar, encontrados na literatura especializada e atuação como discípulo de Pestalozzi, Froebel, Girard, Mme. Pape-Carpantier, adaptando-os a realidade e necessidades do país.

No segundo capítulo intitulado *O Colégio Menezes Vieira: Retrato de uma Escola (1875-1887)*, BASTOS contextualiza a inauguração do colégio, discorrendo desde o método intuitivo de Mme. Pape-Carpantier aos recursos didáticos de Froebel, adotados nos diversos níveis de ensino Colégio: os Jardins de Crianças ideal para a transição racional da família à escola, no qual a criança estava rodeada de objetos de diversas naturezas para o desenvolvimento integral e harmonioso (físico, moral e intelectual); o Ensino Primário que abre vastos horizontes do saber humano, contanto com aulas de ginástica e demais atividades; Ensino Secundário visando as matérias preparatória para o exame do curso superior e o Ensino Profissional. As festas escolares eram oportunidades de mostrar os progressos dos alunos e as inovações pedagógicas adotadas, cujas modernidades eram sinônimos de inserção no mundo capitalista, além de representar a realidade educacional e vida cultural de formação do cidadão.

A autora discorre no *Jardim de Crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Viiera*, no terceiro capítulo, sobre o modelo froebeliano e sistema de Mme Pape-Carpantier empregados nas atividades de ensino de meninos de 3-6 anos de idade, cultivando racionalmente as forças físicas, morais e intelectuais da criança, constituindo a base da escola primária. O capítulo apresenta o papel da mulher redimensionado pela ação materna (privada) aliada a esfera escolar de educadora, sendo necessário apenas o conhecimento da ciência do método froebeliano e a consciência da sua aplicação. As atividades intelectuais minuciosamente abordadas por BASTOS, reflete o método intuitivo que leva percepção da criança de forma direta e experimental, isto é, do concreto ao abstrato, desenvolvimento de uma verdadeira ginástica dos sentidos. Embora com algumas vozes discordantes a introdução dos jardins de infância, tais como Manoel Olimpo R. da Costa em 1884, estes são introduzidos no Brasil, primeiramente de forma restrita a iniciativa privada até a República, quando amplia-se a sua divulgação, porém, é somente no século XX, que o Estado oferecerá, no plano legal, esse nível de ensino.

O quarto capítulo *O Manual para os Jardins de Infância: Menezes Vieira compila o primeiro livro para a educação infantil (1882)*, Maria Helena apresenta Menezes Vieira, Maria Guilhermina Loureiro Andrade (Kindergarten Modelo) e o Dr. Bernardino de Almeida (instituição as crianças pobres) como principais divulgadores desse nível de ensino. A obra de Menezes Vieira esta organizada em duas partes, compreende um compendio biográfico de Froebel e Mme Pape-Carpantier, conselhos e recomendações aos jovens professores, a imagem de professora-mãe e o manual, propriamente dito, composto por 26 perguntas-resposta sobre os aspectos dos jardins. Todas as atividades e materiais são minuciosamente detalhados, desde a planta do prédio até os materiais das atividades.

BASTOS aborda também *Menezes Vieira e a Educação de Surdos-Mudos* no quinto capítulo, contextualizando a criação do instituto convertido em estabelecimento público em 1862, localizado até hoje no Rio de Janeiro, onde ministravam-se, aos alunos de até 18 anos, instrução primária (literária, moral e profissional), partindo da familiaridade com o instituto, os exercícios de memória (corresponde a uma criança de 18 meses) e o desenvolvimento do raciocínio. Em 1871, Menezes Vieira, estudante de medicina, é convidado a ministrar a linguagem escrita, introduzindo, de forma pioneira, o ensino do método oral (linguagem labial). Por meio do instituto, defende a tese da surdez produzida por lesões, além de inúmeras outras publicações sobre a temática.

O capítulo seis aborda *A Produção Didática do Dr. Menezes Vieira*, variada e extensa, iniciada em 1868 que visavam a divulgação do método intuitivo, geralmente impressos na oficina do próprio Colégio Menezes Vieira, após serem aprovados no aval da Inspeção Geral da Instrução Pública e Secundária do Município da Corte, por se tratarem de obras didático-pedagógicas. A autora, caracteriza resumidamente, as trinta obras de

Menezes Vieira, e também as informações do mobiliário escolar, estrangeiro, adaptados pelo médico-educador.

O sétimo capítulo expõe o *Pedagogium: templo da modernidade educacional republicana brasileira (1890-1919)*, que visava a criação de um museu pedagógico nacional para preservação da memória dos lugares, dos homens e do projeto de educação pública republicana brasileira para a transformação da sociedade, elaborado por Benjamin Constant, Menezes Vieira, Rui Barbosa, Franklin Dória entre outros. Assim, a autora expõe a cronologia da criação de museus pedagógicos no mundo, desde o século XVII até a fundação do Museu da Educação no Rio de Janeiro, primeiro da América Latina, compostos por bibliotecas (uma fixa e outra para empréstimo gratuito) e serviços de publicação destinada a alunos e professores (formação continuada), envolvendo exposições permanentes e periódicas, divulgação de materiais de ensino, tratados de pedagogia e metodologia, anais de congressos e conferências, que tinham em anexo uma escola modelo. BASTOS também a cerca do *Pedagogium*, revista de publicação mensal e gratuita, dividida em quatro partes: oficial (decretos e regulamentos do Ministério da Instrução Pública), pedagógica (artigos), crônica do exterior (ensino e métodos utilizados no mundo) e crônica do interior (fatos notáveis do Brasil), incentivando a publicação da *Revista do Ensino/1891* (Alagoas) e a criação do Instituto Pedagógico/1895 (São Paulo), mostrando os baixos e altos do *Pedagogium* diante dos fatores econômicos, extinguida em 1919 em decorrência da municipalização do ensino. A criação do Instituto Nacional da Pedagogia/INEP (1937) assume as antigas funções do *Pedagogium* (divulgação e organização dos trabalhos e assistência técnica sobre esclarecimentos de problemas pedagógicos), publicando a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*.

A obra permite o conhecimento das políticas públicas para a instrução, a configuração da influência e atuação dos atores sociais na construção da educação republicana, a partir da obra de Menezes Vieira, adaptando os métodos à realidade brasileira, introduzindo elementos pioneiros para a educação brasileira, vinculando os avanços rumo a uma sociedade capitalista. A leitura acessível e instigadora torna-se indispensável pelo rico conhecimento que nos possibilita e, principalmente, por levar a reflexão de que é possível acreditar na utopia da educação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. *Pro Patria Laboremus*: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Editora EDUSF: Bragança Paulista/SP, 2002 Coleção Estudos CDAPH Série Historiografia. 350p.